

Plano paisagístico de Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Burle Marx's Landscaping Plan for the Joaquim Amazonas Campus, Federal University
of Pernambuco, Brazil

Plan de Paisajismo de Burle Marx para el Campus Joaquim Amazonas, Universidad
Federal de Pernambuco, Brasil

Wilson de Barros Feitosa Júnior

Arquitecto, PhD (c) Desarrollo Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

wilsonbarrosf@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9992-3566>

Jônatas Souza Medeiros da Silva

Arquitecto, PhD (c) Desarrollo Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

jona.medeiros@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3447-3474>

Thais Santos Costa

Arquitecta, MsC (c) Desarrollo Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

thaisscosta.26@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8474-5258>

Italo Cintra Ferreira

Arquitecto, MsC (c) Desarrollo Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

italocintra@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3305-9514>

Joelmir Marques da Silva

Biólogo, PhD Desarrollo Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

joelmir.marques@ufpe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8323-7171>

Recibido: junio 10 de 2023

Aceptado: julio 28 de 2023

Publicado: agosto 02 de 2023

RESUMO

Burle Marx demonstrou constantemente em sua carreira, preocupação com a conservação da natureza, expressando o uso de espécies nativas como um dos princípios projetuais de seus jardins, de variadas tipologias. Apesar disso, há pouca discussão sobre seus planos para campi universitários. Com objetivo de analisar os princípios projetuais do paisagista no plano paisagístico para o campus Joaquim Amazonas—UFPE, esse estudo utiliza fontes documentais físicas e digitais para compreender os princípios adotados, comparando-os com seus discursos e projetos similares, contribuindo para o estudo histórico do paisagismo moderno e fornecendo base para futuras pesquisas sobre suas obras.

Palavras-chave: Paisagismo; Campus universitário; Burle Marx.

ABSTRACT

Throughout his career, Burle Marx constantly demonstrated his concern for nature conservation, expressing the use of native species as one of the design principles of his gardens, of various types. Despite this, there is little discussion of his plans for college campuses. With the aim of analyzing the design principles of the landscape designer in the landscaping plan for the Joaquim Amazonas—UFPE campus, this study uses physical and digital documentary sources to understand the principles adopted, comparing them with his speeches and similar projects, contributing to the historical study of modern landscaping and providing a basis for future research on his works.

Keywords: Landscaping; University campus; Burle Marx.

RESUMEN

A lo largo de su carrera, Burle Marx demostró constantemente su preocupación por la conservación de la naturaleza, expresando el uso de especies nativas como uno de los

principios de diseño de sus jardines, de diversa índole. A pesar de esto, hay poca discusión sobre sus planes para los campus universitarios. Con el objetivo de analizar los principios de diseño del paisajista en el plan de paisajismo del campus Joaquim Amazonas—UFPE, este estudio utiliza fuentes documentales físicas y digitales para comprender los principios adoptados, comparándolos con sus discursos y proyectos similares, contribuyendo al estudio histórico del paisajismo moderno y proporcionando una base para futuras investigaciones sobre sus obras.

Palavras-chave: Paisajismo; Campus universitario; Burle Marx.

Introdução

Entre as décadas de 1950 e 1970, Roberto Burle Marx se encontrava no ápice de sua carreira como paisagista moderno. Reconhecido mundialmente, concebeu, neste período, vários projetos paisagísticos no Brasil e no exterior. Dentre eles, destacam-se a Praça Ministro Salgado Filho em Recife, Brasil (1957), o Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro, Brasil (1965) e o Parque del Este em Caracas, Venezuela (1961).

Como célebre representante do movimento artístico moderno, Burle Marx era constantemente requisitado para proferir discursos e palestras, participar de exposições e amostras e receber premiações, nacionais e internacionais (Boletim do Conselho Federal de Cultura, 1971), percorrendo os diversos países em que o seu extenso trabalho era apreciado (Burle Marx, 1970b; Valladares, 1970).

Sua figura se mostrava de grande notoriedade no cenário intelectual brasileiro ante os seus princípios projetuais de educação, higiene e arte, tão bem especializados em suas obras desde a década de 1930. O paisagista adotava-os em seus projetos paisagísticos, sobretudo aqueles voltados aos espaços públicos, por entender que o jardim tem a função de trazer a natureza de volta ao habitante urbano, não apenas proporcionando condições de salubridade, mas também, conhecimento e prazer estético a partir dos elementos que o compõem (Silva et al., 2019).

Através de um olhar apurado, Burle Marx trazia a sua apreensão sobre a paisagem brasileira como cânone no projeto de jardim. Ao analisar suas obras, observa-se que a

associação das espécies vegetais, assimilada a partir do arranjo encontrado na natureza, obedece a um rigor estético que se apresenta como marca do paisagista, somando-se a sua distinguível habilidade de criar traçados que dialogam com as curvas sinuosas da natureza. Tal constatação é dada a partir de uma de suas falas para uma conferência proferida em 1968:

[...] quando falo em jardim, não vejo apenas uma coleção de plantas, e sim uma solução plástica, em que a dominância de uma cor, a ocorrência de um determinado ritmo, como, por exemplo, de uma vertical em oposição às horizontais, a escolha de plantas deliberadamente feita para conseguirmos um caráter marcante, textura e forma diversas, devem ser preocupação de primeira grandeza na mente do paisagista. [...] Jardim é ordem. É impulso ordenado. Deve ser obra de arte, onde as convergências de intenções plásticas se transformam em um todo em que as mutações e as instabilidades, a espera de uma floração, esse momento de ênfase, valorizam todas as partes formando um tecido, uma trama na qual tudo contribui para um equilíbrio generalizado (Burle Marx, 2004a, p. 97)

Além do paisagismo, Burle Marx era conhecido por suas pinturas, murais e tapeçarias, que ganharam visibilidade, ora através das diversas exposições realizadas, ora por estarem presentes integrando seus projetos (Soeiro, 1969). Suas obras, ainda que de diferentes gêneros artísticos, se encontravam dentro de uma unidade plástica na qual era possível perceber convergências, distinguindo-se apenas pelo continuum da paisagem presente no jardim, contraposto à limitação da tela, do tecido ou da parede, e o fator tempo, que age de maneira distinta entre tais expressões, sendo esse fator o que torna o jardim uma arte com características próprias (Tabacow, 2004).

Suas composições nos jardins e nas pinturas refletem a sobreposição dos espécimes vegetais que examinava e que se associam perante um viés estético e artístico. Tal habilidade em observar, entender e aplicar os princípios da natureza em seus projetos provém de suas experiências em expedições botânicas que organizava.

Nestas viagens científicas, Burle Marx via a situação generalizada de desmatamento e queimadas que as florestas brasileiras vivenciavam e, diante disso, utilizava-se do seu prestígio social para lutar pela conservação da natureza (Burle Marx, 1967). Tal ativismo ganha notoriedade entre os anos de 1967 e 1974, quando atuou como membro da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação

e Cultura (MEC), grupo responsável pelas discussões e tomadas de decisão quanto às políticas públicas culturais do Brasil da época (Valladares, 1982). Ali se mostrou um paisagista-ambientalista, ao incentivar a criação de jardins botânicos e reservas biológicas, além de legislações específicas para a proteção das paisagens brasileiras, de modo a salvaguardar o máximo das regiões de importância florística que estavam ameaçadas de extinção.

Para o paisagista, parte desse problema provinha da vegetação exótica, que era exaltada pela população e adotada no ajardinamento dos espaços públicos das cidades (Burle Marx, 1968). Desse modo, suas ações ultrapassavam o campo dos discursos no Conselho Federal de Cultura, levando aos seus projetos, de modo a utilizá-los como ferramenta de mudança dessa realidade que tanto criticava.

Nesse contexto, os campi universitários foram um exemplo de espaço público característico onde, ao projetar, Burle Marx adotava seus princípios projetuais pautados em um ideal ecológico e estético, alinhando-os à perspectiva científica que se referia ao papel educacional desse espaço para a sociedade. Em tais projetos, ele proporciona a aproximação da comunidade acadêmica com a natureza, preferencialmente nativa, afirmando que a vegetação abundante proposta deveria despertar o interesse pela flora brasileira, no estudante e considerando importante que as cidades universitárias seguissem esse viés (Diário de Pernambuco, 1972).

Desde os anos 1950, planos paisagísticos eram idealizados por Burle Marx para universidades no Brasil, bem como projetos de jardins em edifícios inseridos em campi universitários. É possível citar os jardins do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (1953) e os jardins internos e do entorno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (1961), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde o paisagista harmoniza a geometria rígida e ortogonal dos edifícios com canteiros orgânicos e sinuosos e propõe conjuntos de árvores e palmeiras formando relações de contrapeso à horizontalidade proposta pelas edificações (Costa, 2014).

Burle Marx também elaborou o plano paisagístico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1970, solicitado pela direção do departamento de Engenharia e Arquitetura da universidade. Há ainda relatos na publicação nº 04 do Conselho Federal de Cultura em 1971 sobre sua colaboração especializada na construção da Universidade

Federal da Paraíba (UFPB), bem como matérias de jornais que mencionam suas viagens, visitas técnicas e projetos preliminares para os campi da Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), da Universidade de Campo Grande (atual UFMS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (Correio Braziliense, 1970; Jornal do Brasil, 1973; Nobre; Pereira, 2019). Todavia, há poucos registros acerca desses projetos, uma vez que foram poucas as propostas totalmente implementadas e, as que foram parcialmente realizadas, acabaram perdendo suas características originais.

Além disso, houve a elaboração de um plano paisagístico para o campus Joaquim Amazonas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concebido em novembro de 1972 e ligeiramente modificado em 1973. Mesmo já se tendo conhecimento da existência do projeto para o campus, apenas em 2018 após um sucessivo período de investigação, o Laboratório da Paisagem¹ da UFPE encontrou duas versões deste plano no acervo documental do Memorial Denis Bernardes da UFPE, sendo esta a primeira vez que o conteúdo destas plantas está sendo discutido.

A primeira planta, de 1972, corresponde a folha 3 do anteprojeto do plano paisagístico para o campus, realizado por Burle Marx & Cia Ltda., já a segunda se trata do plano geral do plano diretor do campus, elaborado em 1973 e contendo o plano paisagístico reajustado. Juntamente a isso, ocorreu a obtenção posterior da lista de vegetação inicial proposta por Burle Marx, que se encontrava resguardada em acervo pessoal de um profissional que teve contato com o paisagista, o que possibilitou amplificar a discussão do ponto de vista ambiental, ecológico e compositivo do projeto.

Diante das recentes descobertas acerca do plano paisagístico da UFPE elaborado por Burle Marx, objetiva-se analisar os princípios projetuais de Burle Marx na concepção do plano paisagístico para o campus Joaquim Amazonas da UFPE, Recife, Brasil.

Para analisar as duas plantas e a lista de vegetação, documentos inéditos, foi realizado um esforço de pesquisa em busca de fontes documentais em acervos físicos e digitais que dessem suporte para compreender os princípios projetuais adotados no processo de concepção, comparando-os com seus discursos e projetos análogos. Esta etapa contou com o auxílio dos resultados obtidos na disciplina Oficina de Arquitetura,

¹ Laboratório ao qual estão vinculados todos os autores e que realiza pesquisas acerca dos jardins de Burle Marx.

Urbanismo e Paisagismo 2A - Arquitetura da Paisagem do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, que teve o campus como objeto de estudo.

Compreendendo que a história está sempre sendo reescrita, pois não pode haver um único registro contendo todos os fatos e acontecimentos (Waisman, 2013), este artigo utiliza da historiografia como metodologia de análise. São empregadas técnicas de registro indireto, nas quais fontes originais escritas e visuais inéditas e que ainda não foram discutidas são utilizadas para interpretar os fatos do ocorrido e formar novas narrativas (Best, 1972).

Apresenta-se uma discussão inédita sobre o plano paisagístico de Burle Marx para o campus da UFPE, fornecendo base para futuros estudos sobre este projeto, que não possui registro de sua execução e difere do desenho encontrado atualmente no campus. Além disso, contribui para pesquisas correlacionadas à documentação histórica do paisagismo moderno, ao subsidiar a compreensão dos princípios projetuais identificados e defendidos em suas obras.

Uma análise do plano paisagístico de Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas da Universidade Federal de Pernambuco—UFPE

No final dos anos 1940, inicia-se o processo de organização para reunir as edificações e faculdades de ensino superior do Recife em um campus universitário, em conformidade com o que ocorria no restante do país. O arquiteto italiano Mario Russo, recém-chegado no Recife em 1949 para atuar como professor do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes, é então convidado para desenvolver o planejamento urbano da instituição, elaborando várias versões do plano (1949, 1951 e 1955) e dando início à implantação da cidade universitária do Recife (Cabral, 2006) (Figura 1).

Figura 1. Maquete do campus Joaquim Amazonas da UFPE e edificações em construção.

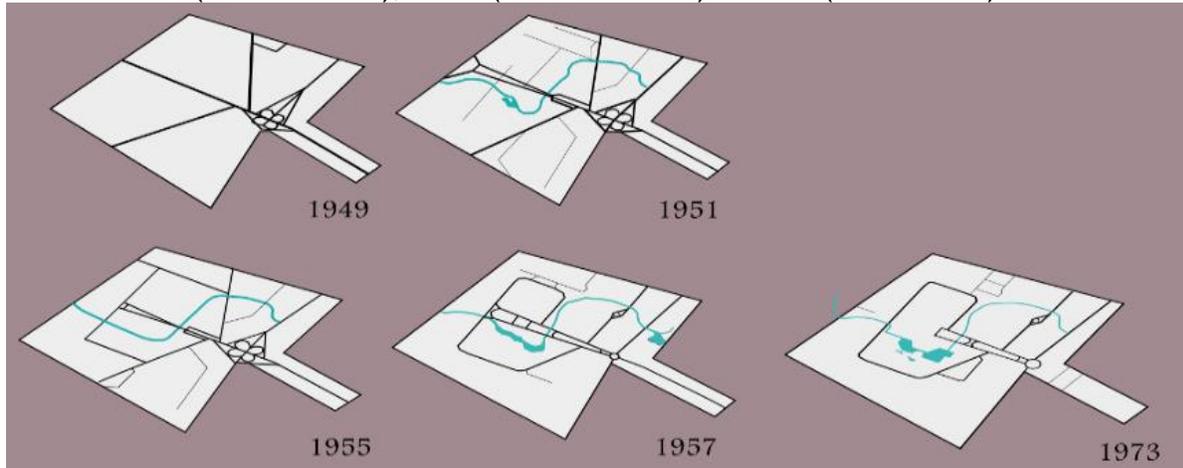


Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (s/d).

Há ainda o plano de 1957, já sem a presença do arquiteto. Nele parte das vias de conexão do campus com a cidade foi interrompida e no lugar das alças previstas foi traçado um giradouro ligando o campus à rodovia federal (BR-101). Com o passar dos anos, várias mudanças ocorreram desde a concepção desses projetos, dentre elas a progressiva restrição do acesso do público externo ao campus e a modificação da configuração das vias secundárias e eixos previstos, resultando em um circuito interno (Figura 2). Com várias edificações erigidas e em funcionamento desde o plano de 1955, como o Centro de Medicina e o prédio de Antibióticos, apenas algumas ainda passavam

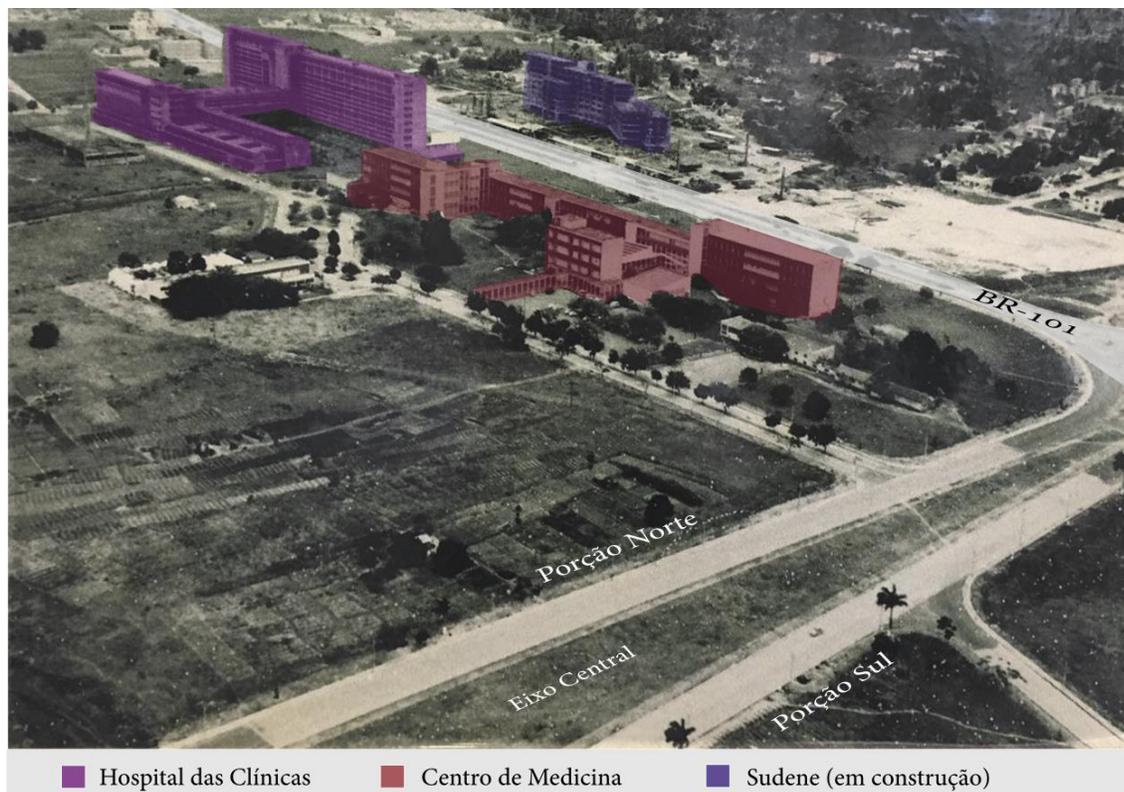
por modificações no projeto em relação à implantação e tipologia, como os Centros de Artes, de Ciências Humanas e Ciências da Natureza (Cabral, 2006) (Figura 3).

Figura 2. Malha urbana proposta para o campus Joaquim Amazonas da UFPE em 1949, 1951 e 1955 (Mário Russo), 1957 (desconhecido) e 1973 (Burle Marx).



Fonte: Wilson de Barros (2022).

Figura 3. Vista aérea do campus com edificações erigidas; giradouro à direita.



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (s/d), editado por Wilson de Barros (2023).

Em 1972, Burle Marx é convidado para elaborar um plano paisagístico para o campus da UFPE denominado como “plano da UFP”, desenvolvendo uma proposta com a participação dos arquitetos José Tabacow e Haruyoshi Ono, contando com leves alterações em 1973, no plano geral do plano diretor do campus. Esta equipe é a mesma que estava projetando naquele ano os jardins da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em terreno doado pela Universidade e que em 2017 voltou a integrar a UFPE. É com base nos planos anteriores que Burle Marx buscou reconectar o campus por meio dos elementos vegetais, dos percursos traçados e das águas (Costa, 2016) (Figura 4).

Figura 4. Plano paisagístico de 1973 para o campus Joaquim Amazonas da UFPE.



Fonte: Wilson de Barros, a partir do plano paisagístico de Burle Marx (2022).

Em relação aos planos anteriores para o campus, Burle Marx inova ao delinear espaços livres mútuos e interligar percursos entre os centros antes dispostos somente

por meio do eixo viário. Ele propõe novos eixos de conexão entre as edificações, através de um traçado geométrico e da utilização de fileiras e grupos maciços de vegetação, direcionando percursos que se expandiam em áreas de estar convergindo à praça cívica, ponto central do projeto localizado ao final do eixo viário que parte do giradouro.

O plano paisagístico levou em consideração os princípios conceptivos modernos de cidade-jardim autônoma, já implementados nos projetos anteriores do campus, como amplas áreas verdes fugindo da concepção convencional de rua e zoneamento por usos: educativo, setorizado por área de conhecimento; zona médica e esportiva; equipamentos de uso administrativo e técnico e residências estudantis. Contudo, segundo matéria publicada no Diário de Pernambuco de 17/01/1973, constata-se a previsão do fechamento do acesso ao campus, que passa a contar com apenas um portão de entrada. A implementação do projeto fazia parte do Plano Geral de Ação 73/75 da Universidade na gestão do Reitor Marcionilo Lins. Nessa mesma matéria consta ainda que o paisagista propôs:

[...] humanização da área com a construção de jardins, lago artificial – no que haverá o aproveitamento do riacho “cavoco” [...], arborização e criação de pontos de estar para estudantes, professores e visitantes, de forma a que eles possam passear em pleno contato com a natureza, usufruindo da floração de árvores, de preferência da região (Diário de Pernambuco, 1973).

A diferença entre os planos paisagísticos de 1972 e 1973 se dá em razão das alterações volumétricas ocorridas em prédios que ainda não haviam iniciado sua construção e que acarretaram modificações no desenho paisagístico final. Um exemplo é a área sul do campus, onde estavam previstos inicialmente os prédios de arquitetura e artes plásticas na planta de 1972, direcionados na planta de 1973 para a porção à oeste da praça cívica e aglutinados em uma única edificação, mesma posição onde hoje se encontra o Centro de Artes e comunicação (CAC), tornando a porção sul uma grande área livre. Apesar das alterações na disposição dos elementos vegetais em decorrência das mudanças na posição de alguns edifícios, o desenho dos caminhos propostos seguiu as linhas iniciais.

Em relação à praça cívica, propôs-se padronização do piso e canteiros que intercalassem arbustos com agrupamentos de espécies de maior porte. A configuração dos espaços voltados à função cívica no período moderno buscava expressar monumentalidade e centralidade com maior uso de superfícies pavimentadas (Caldeira, 2007). Estes elementos podem ser encontrados também na proposta para a Praça da Cidadania, na área central do campus de Trindade da UFSC, contando com desenho de calçadas e passarelas revestidas com mosaicos portugueses e paralelepípedos (Figura 5) e que se encontrava em execução em 1972 (Cardoso, 2009; Diário de Pernambuco, 1972a).

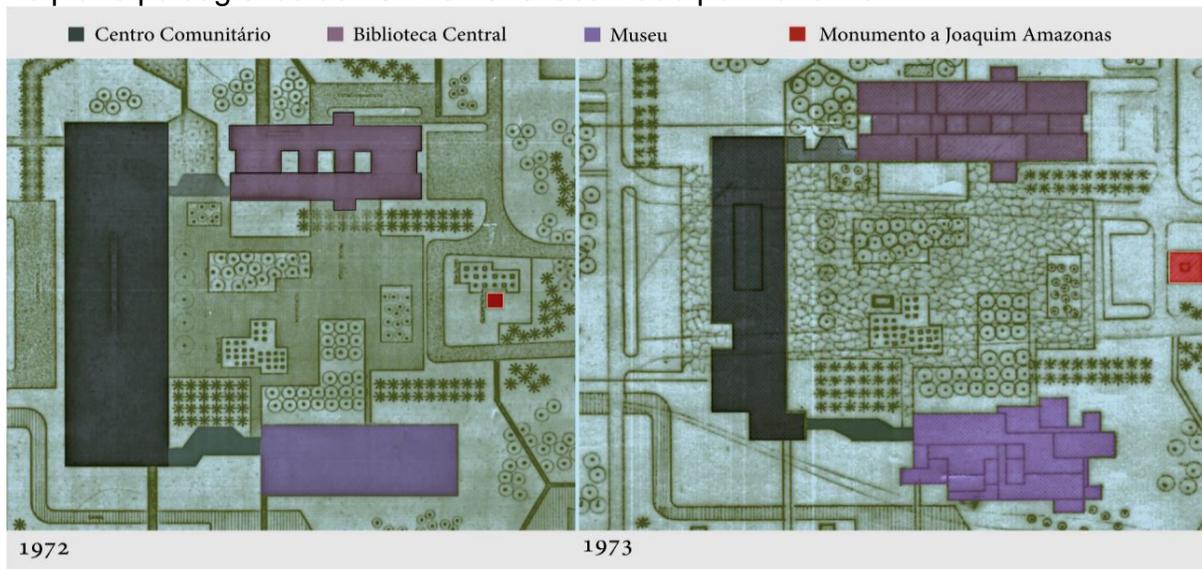
Figura 5. Plano paisagístico de Burlle Marx para o campus Trindade da UFSC com destaque para a Praça da Cidadania e vista aérea do que foi implantado.



Fonte: Ecker (2019).

Os usos propostos ao redor do espaço cívico do campus Joaquim Amazonas corroboram para essa ideia, pois, no desenho de 1972, a praça se encontra no fim do eixo central do campus, em frente ao monumento a Joaquim Amazonas e rodeada pelo Centro Comunitário, pela Biblioteca Central (único prédio previsto do entorno do espaço cívico que chegou a ser implantado e que permanece até hoje) e pelo Museu, que foi substituído no plano paisagístico de 1973 por outra edificação que não tem função indicada. Para essa, não foi possível compreender sua volumetria, mas entende-se que deveria dispor de pilotis, mantendo a conexão com a área do lago, assim como o prédio do Centro Comunitário, que já possui uma continuidade da paginação de piso em seus dois lados (Figura 6).

Figura 6. Comparação entre o desenho da Praça Cívica do campus Joaquim Amazonas no plano paisagístico de 1972 e 1973 idealizado por Burle Marx.

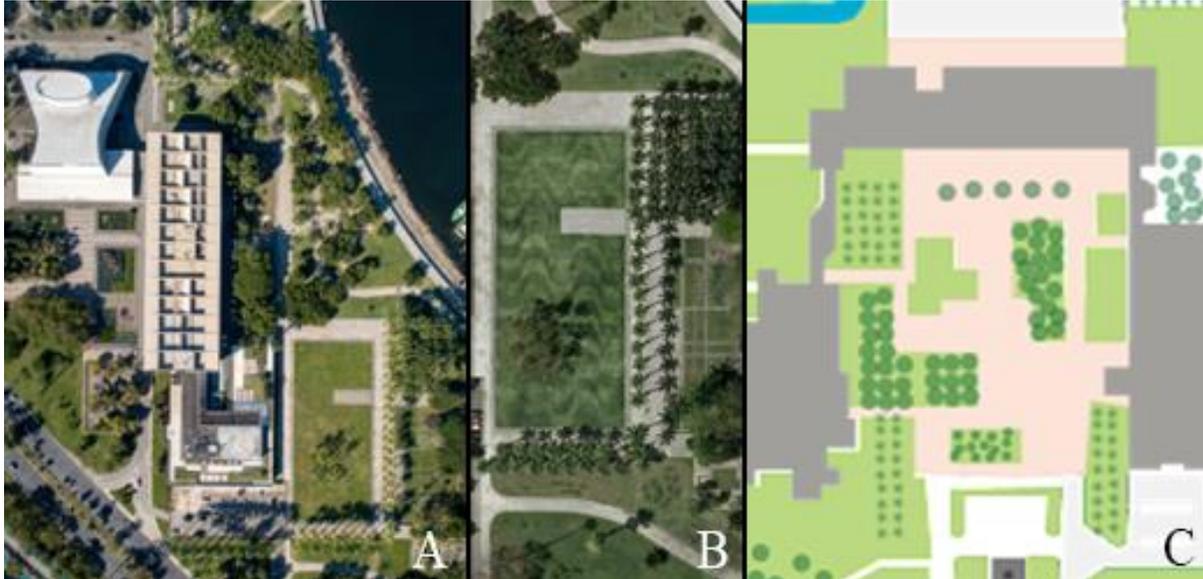


Fonte: Acervo do Laboratório da Paisagem da UFPE. Adaptado pelo Wilson de Barros (2022).

Nessa parte do projeto identifica-se uma correlação com o desenho de Burle Marx para o Jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), de 1955. Nos jardins do MAM, Burle Marx concretizou uma solução plástica através de formas geométricas e do uso pictórico de elementos da natureza, integrando e estabelecendo uma conexão entre a arquitetura e o ambiente urbano, criando uma linha contínua na paisagem (Santiago & Braga, 2009).

Essa unidade compositiva entre edificação e jardim se fortalece por meio da fluidez espacial que se dá a partir do museu, cuja volumetria permeável e transparente no nível térreo possibilita a relação imediata com o jardim e com a linha do mar numa continuidade. Essa, por sua vez, ganha movimento através das variações rítmicas de piso e forração e por conjuntos de vegetais em altura, ordenando os espaços e contrapondo visuais, de modo a conduzir vistas e delimitar espaços (Pollizo, 2009), de maneira semelhante ao que se vê na proposta do campus da UFPE (Figura 7).

Figura 7. Comparação entre a composição para o jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (a e b) e a praça cívica do plano paisagístico para o campus Joaquim Amazonas da UFPE (c).



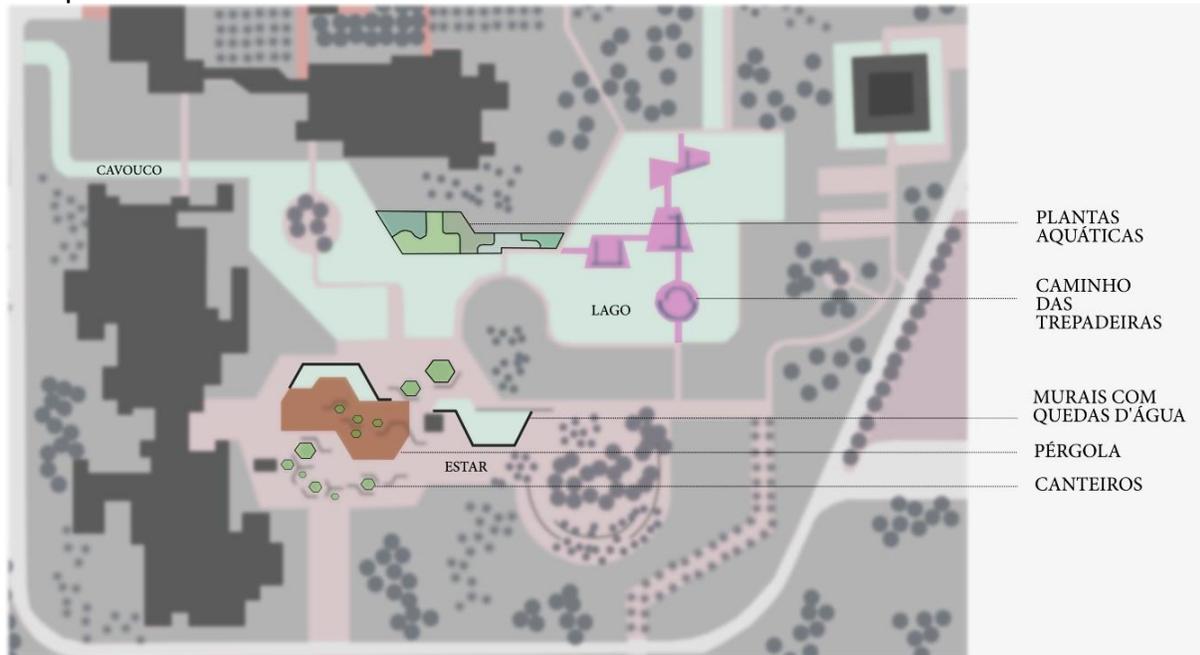
Fonte: a) Felipe Azevedo (s/d); b) Google Maps (2009); c) Wilson de Barros (2022).

Outro importante destaque no projeto de Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas, é dado em relação ao corpo d'água existente, o Riacho Cavouco. Nos projetos anteriores aos do paisagista, o riacho apresenta mudanças de desenho, ora considerado em planta, ora ignorado (ver Figura 2). Segundo o próprio paisagista, os jardins, intimamente ligados às funções dos diversos prédios e tendo a água como composição fundamental, buscavam acentuar o caráter das paisagens pernambucanas (Diário de Pernambuco, 1973).

A partir daí, é proposto um lago próximo à área da antiga casa grande² pertencente a João Fernandes Vieira (líder da insurreição pernambucana), que Burle Marx redesenha com traçado regular e geométrico e percursos internos, onde estariam dispostos trepadeiras e pérgolas e, ao seu redor, canteiros com vegetação aquática segundo descrito no projeto de 1973 (Figura 8) (Souza et al., 2019).

² Que veio abaixo durante as obras de execução do *campus* em 1948, restando somente seu sítio arqueológico e um monumento a Fernandes Vieira em seu entorno, localizado na Figura 8 à direita da pérgola.

Figura 8. Área do lago prevista no plano paisagístico. Destaque para os elementos compositivos.



Fonte: Wilson de Barros, a partir do plano de Burle Marx (2022).

Ao propor o lago, Burle Marx não considerou a presença da comunidade do Arruado do Engenho do Meio³, talvez por desconhecimento ou por se guiar pelos planos urbanísticos anteriores. A comunidade resiste até hoje dentro do terreno da universidade, embora de maneira isolada em relação ao restante do campus.

Próximo ao lago, repercutindo em menor escala, são alinhados espelhos d'água e murais com quedas d'água junto a grupos de vegetação em canteiros, bancos e áreas de estar que se descortinavam para a área de contemplação. É possível identificar semelhanças do desenho proposto com o que o paisagista introduz na Praça Cívica ou Praça dos Cristais, inaugurada em Brasília anos antes, em 1970 (Figura 9).

³ Conjunto de casas presentes dentro do terreno do *campus* Recife da UFPE ao redor da antiga casa grande do Engenho do Meio, pertencente a João Fernandes Vieira e posterior propriedade da família Amazonas (Joaquim Amazonas foi o primeiro reitor da UFPE). Seu traçado é remanescente do Antigo Caminho da Várzea, responsável por ligar no passado os engenhos da Várzea até o porto da cidade e realizar o transporte da produção açucareira da capitania.

Figura 9. Comparação entre a composição para os canteiros e lago da Praça dos Cristais com o lago do Cavouco do plano paisagístico para o campus Joaquim Amazonas.



Fonte: a) Joana França (2017); b) Google Earth (2020); c) Wilson de Barros (2022).

Neste trecho foram idealizadas aleias de palmeiras para fortalecer os eixos de travessia e marcar verticalmente as áreas mais abertas e o entorno de edificações. Burle Marx também propôs agrupamentos de árvores em áreas de estar, no qual definiu-se o uso de piso de saibro segundo consta na planta de 1972. Vale destacar que estes princípios podem ser encontrados na proposta para a Praça da Cidadania, na área central do campus de Trindade da UFSC, contando com desenho de calçadas e passarelas revestidas com mosaicos portugueses e paralelepípedos (Figura 6) e que se encontrava em execução em 1972 (Cardoso, 2009; Diário de Pernambuco, 1972a).

Considerando o plano paisagístico do campus Joaquim Amazonas da UFPE como um parque urbano, é possível constatar que os maciços vegetais compostos com espécies semelhantes foram pensados na intenção de ressaltar o aspecto plástico de conjunto, delimitando o campo visual e propondo espacialidades que diminuíssem a sensação de vastidão do terreno. Burle Marx propõe 81 espécies vegetais —entre árvores (maioria), arbustos e palmeiras— correspondentes às seguintes regiões fitogeográficas: (i) Mata Atlântica; (ii) Cerrado; (iii) Pampa; (iv) Amazônia; (v) Caatinga e (vi) Pantanal. Além delas, indicou espécies exóticas que atualmente são, em sua maioria, consideradas cultivares e naturalizadas (Tabela 1).

Tabela 1. Espécies vegetais indicadas no plano paisagístico de Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas da UFPE4.

nº	Nome científico atualizado	Hábito	Domínios Fitogeográficos
1	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica
2	<i>Cassia moschata</i> Kunth	Árvore	Amazônia
3	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) Schrad. Ex DC.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
4	<i>Melanoxylon brauna</i> Schott	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
5	<i>Centrolobium tomentosum</i> Guillem. ex Benth.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
6	<i>Centrolobium robustum</i> (Vell.) Mart. ex Benth.	Árvore	Mata Atlântica
7	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
8	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Árvore	Amazônia, Mata Atlântica
9	<i>Cenostigma pluviosum</i> var. <i>peltophoroides</i> (Benth.) Gagnon & G.P.Lewis	Árvore	Mata Atlântica
10	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.queiroz var. <i>ferrea</i>	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
11	<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis	Árvore	Mata Atlântica
12	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Árvore	Amazônia, Cerrado
13	<i>Garcinia brasiliensis</i> Mart.	Arbusto, Árvore	Mata Atlântica
14	<i>Lagerstroemia flos-reginae</i> Retz.	Árvore	Exótica
15	<i>Pterygota brasiliensis</i> Allemão	Árvore	Mata Atlântica
16	<i>Chloroleucon tenuiflorum</i> (Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
17	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan var. <i>colubrina</i>	Arbusto, Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
18	<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Arbusto, Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
19	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
20	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
21	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Árvore	Mata Atlântica
22	<i>Plathymentia reticulata</i> Benth.	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica

⁴ Ressalta-se que, para um melhor entendimento florístico, acrescentou-se a lista, tomando como base o *Reflora*, o *Tropicos.org* e a *Embrapa*, as condições de Hábito e Domínio Fitogeográfico. Também foi realizada a atualização da nomenclatura botânica.

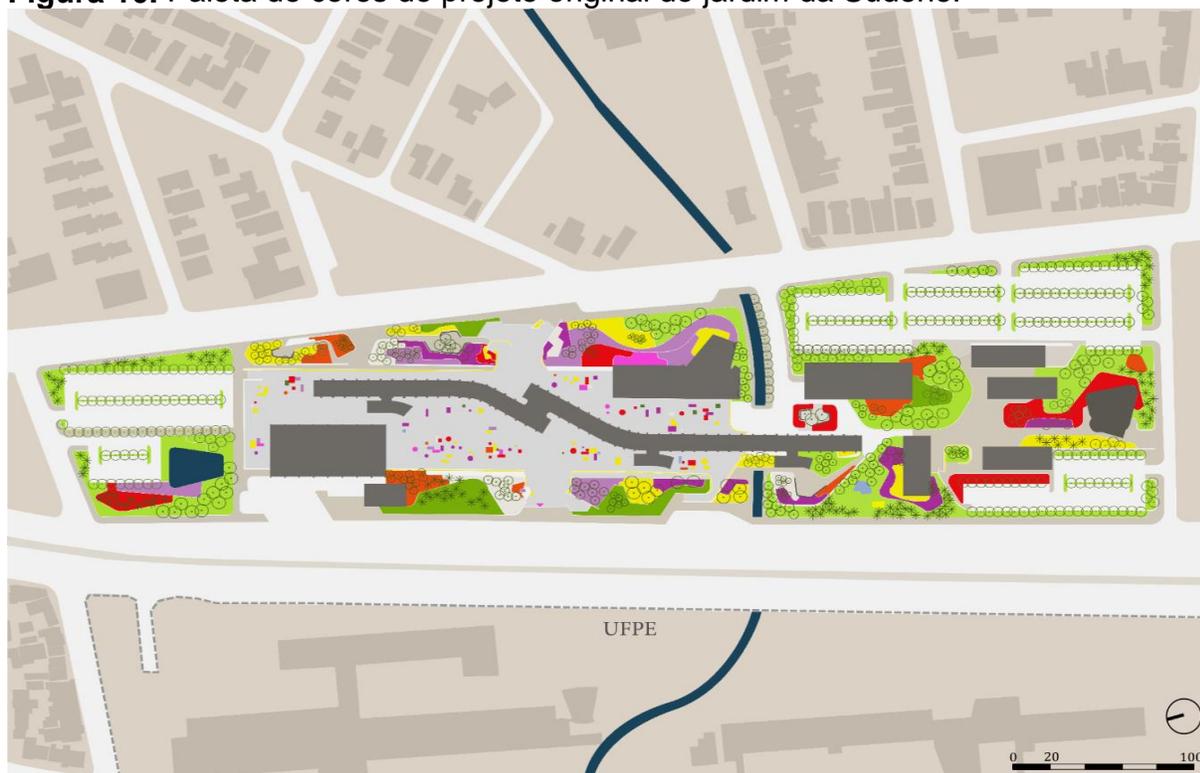
23	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) K.Schum.	Árvore	Amazônia
24	<i>Antrocaryon amazonicum</i> (Ducke) B.L.Burt & A.W.Hill	Árvore	Amazônia
25	<i>Spondias mombin</i> L.	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
26	<i>Sarcomphalus joazeiro</i> (Mart.) Hauenschild	Árvore	Caatinga
27	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmeira	Cerrado, Mata Atlântica
28	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Palmeira	Amazônia
29	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Palmeira	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
30	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Palmeira	Cerrado, Mata Atlântica
31	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Palmeira	Mata Atlântica
32	<i>Guilleminea</i> sp.	-	-
33	<i>Bauhinia blakeana</i> Dunn	Árvore	Exótica
34	<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica
35	<i>Mimusops coriacea</i> (A.DC.) Miq.	Árvore	Cultivada [Mata Atlântica]
36	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
37	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica
38	<i>Stiftia chrysantha</i> J.C.Mikan	Árvore	Mata Atlântica
39	<i>Copaifera</i> L.	-	-
40	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
41	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
42	<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica
43	<i>Crescentia cujete</i> L.	Árvore	Cultivada [Amazônia, Mata Atlântica]
44	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Árvore	Amazônia
45	<i>Elizabetha</i> sp.	-	-
46	<i>Clitoria fairchildiana</i> R.A.Howard	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
47	<i>Couepia rufa</i> Ducke	Árvore	Mata Atlântica
48	<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.	Árvore, Arbusto,	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
49	<i>Plumeria rubra</i> L.	Árvore	Cultivada
50	<i>Plumeria alba</i> L.	Árvore	Exótica
51	<i>Plumeria tricolor</i> Ruiz & Pav.	Árvore	Exótica
52	<i>Cassia greis</i> L.f.	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal

53	<i>Heroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
54	<i>Tabebuia angustata</i> Britton	Árvore	Exótica
55	<i>Heroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
56	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sewith	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
57	<i>Jacarea puberula</i> Cham.	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica
58	[espécie não legível na lista]	-	-
59	<i>Gustavia augusta</i> L.	Árvore	Amazônia, Mata Atlântica
60	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
61	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
62	<i>Clusia greiflora</i> Splitg.	Árvore	Amazônia
63	<i>Brownea</i> sp.	-	-
64	<i>Ceiba pentera</i> (L.) Gaertn.	Árvore	Amazônia
65	<i>Ficus enormis</i> Mart. ex Miq.	Árvore	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
66	<i>Ficus skytinoderms</i> Summerh.	Árvore	Exótica
67	<i>Ficus catappifolia</i> Kunth & C.D.Bouché	Árvore	Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal
68	<i>Ceiba crispiflora</i> (Kunth) Ravenna	Árvore	Mata Atlântica
69	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal
70	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Árvore	Amazônia
71	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Árvore	Amazônia, Cerrado
72	<i>Pseudobombax ellipticum</i> (Kunth) Duge	Árvore, Árvore	Mata Atlântica
73	<i>Heroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Árvore	Cerrado, Mata Atlântica, Pampa
74	<i>Curatella americana</i> L.	Árvore, Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
75	<i>Brunfelsia greiflora</i> D. don	Árvore, Árvore	Amazônia
76	<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	Árvore, Árvore	Mata Atlântica
77	<i>Coccoloba uvifera</i> L.	Árvore	Cultivada
78	<i>Vachellia seyal</i> (delile) P.J.H.Hurter	Árvore, Árvore	Cultivada
79	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth	Árvore	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
80	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H.Karst.	Árvore	Amazônia, Cerrado
81	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Árvore, Árvore	Caatinga, Cerrado

Fonte: Joelmir Marques da Silva, a partir da lista original de vegetação (2022).

Essa quantidade expressiva de espécies também pode ser vista no Projeto do Jardim da Sudene, onde o paisagista indica 78 espécies, criando uma similaridade florística com o plano paisagístico do campus Joaquim Amazonas da UFPE (Figura 10). A linguagem projetual de Burle Marx para esses dois projetos nos dá embasamento para entendê-los como uma unidade de paisagem, tendo o Riacho do Cavouco como linha de força estruturante, costurando o projeto.

Figura 10. Paleta de cores do projeto original do jardim da Sudene.



Fonte: Silva et al (2020), adaptado por Wilson de Barros (2022).

Possivelmente a quantidade total de espécies a serem implementadas no campus superaria as 81 indicadas na lista de vegetação, uma vez que se tratava de um anteprojeto paisagístico, não chegando a ser descrita e nem detalhada a vegetação de menor porte, comumente empregada por Burle Marx em quantidade expressiva na composição de seus projetos. Tal hipótese se confirma na área onde se encontra o lago e os espelhos d'água nas plantas de 1972 e 1973, na qual se mencionam plantas aquáticas, trepadeiras e pequenos canteiros (ver Figura 8). A única distinção possível de leitura dos volumes vegetais se dá entre árvores e palmeiras. Apesar de não se saber da

existência de uma planta que especializasse a indicação das espécies listadas, isso não prejudica a leitura da ideia do paisagista.

A criação de grandes eixos monumentais estruturados por palmeiras de médio porte, ligando-se à centros educacionais e a núcleos de jardins, bem como o contorno de pequenos bosques, favorece a contemplação da paisagem, além da criação de um jogo de escalas com as edificações horizontais que se complementam dando ritmo ao lugar. Já as árvores e palmeiras de grande porte, agrupadas em conjunto estruturando espaços, criam bosques no campus, típicos de um caráter de parque urbano. Essa intenção é reforçada por Burle Marx nas discussões do Seminário de Tropicologia, onde tratou da criação da cidade universitária como um parque comunitário (Jornal do Brasil, 1973), para o qual seria proposto um reflorestamento do campus e a plantação de cerca de 36 mil mudas de árvores (Diário de Natal, 1976).

Atrelada a essa quantidade expressiva de espécies vegetais, está uma condição importante que Burle Marx considerava em seus jardins, para além de uma questão artística: a produção de um espaço que possuísse a função de salvaguardar as espécies nativas da extinção —o que ele denominou de função social do paisagista— já que, em suas expedições, principalmente a partir da década de 1960, passou a denunciar o acelerado avanço do desmatamento em solo brasileiro:

A ideia de valorizar a flora do Brasil por meio do uso de nossas plantas em parques e jardins visa, principalmente, trazer ao habitante das cidades o conhecimento de nossas riquezas naturais, ao mesmo tempo em que, de certa forma, ajuda a perpetuar espécies ameaçadas de extinção. (...) cada viagem realizada aumenta nosso assombro ao constatarmos a falta de respeito pela Natureza, a pouca importância que se dá ao meio ambiente (Burle Marx, 2004b, p. 199).

Preocupado com a grande devastação das matas nativas ao presenciar o ritmo acelerado de desmatamento que vinha ocorrendo já naquela época, Burle Marx pontuava o risco do Brasil se tornar um enorme deserto, onde se destruía o verde “para substituí-lo pelas imensas camadas de asfalto ou altos espigões” (Diário de Pernambuco, 1973). O paisagista considerava imprescindível que se aproveitasse as espécies nativas e dava destaque especial às espécies arbóreas na composição de projetos para o Recife, por

consequência do clima quente e úmido e no intuito de despertar nos estudantes o interesse pela natureza, queira conservando queira contemplando (Diário de Pernambuco, 1972a; 1972b).

A partir do que se observa em suas falas, Burle Marx apontava que a priorização que costumava se dar no país a espécies estrangeiras acontecia como se “nada possuímos de valor jardinístico e, que tudo que temos, é mato, por ser mato, é desprezível e deve ser exterminado” (Burle Marx, 1968, p. 16). Diante disso, tomou para si a missão de “valorizar a flora brasileira”, evidenciando “o patrimônio botânico de que dispomos” (Burle Marx, 1967, p.94).

Assim, seus jardins despontavam como princípio estruturador de um viés educativo a partir da artisticidade, de modo a divulgar a existência e a beleza da vegetação nativa do país e a urgente necessidade da proteção da natureza, conforme Burle Marx declarou:

É preciso fazer jardins e aproveitar a flora existente, que identifica a região; é valorizá-la, é trazer para a cidade um pouco da natureza circundante, é sensibilizar os habitantes pela beleza que a terra sem maior esforço de adaptação, lhes dá, só assim: conhecendo e privando com os indivíduos, criamos amor ao que é nosso. Temos obrigação de preservar não só os monumentos como a paisagem (Burle Marx, 1970a, p.100).

Tal condição fica ainda mais evidente ao analisarmos as 69 espécies nativas (85,18% do total) propostas por Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas, das quais 51 delas, ou seja, 72,85%, fazem parte da Lista vermelha de espécies ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), nas seguintes categorias: (i) Vulnerável (3 espécies), (ii) Quase ameaçada (2 espécies), (iii) Em perigo (4 espécies) e (iv) Pouco preocupante (42 espécies). Todos esses aspectos reforçam o pioneirismo do posicionamento de Burle Marx em temáticas como a da questão ambiental que só seriam levantadas de forma recorrente muitos anos mais tarde e que, mesmo hoje, ainda são constantemente negligenciadas.

Mesmo com todas essas condicionantes e sendo a intenção do reitor Marcionilo Lins implementar o projeto de Burle Marx até 1975 (Diário de Pernambuco, 1973), em matéria publicada no Diário de Pernambuco de 04/11/1974, vemos que o projeto ainda

não tinha sido executado. “Os estudantes sonham com a implantação do projeto de Burle Marx para o ‘campus’ da UFP, nos moldes dos grandes universitários da Europa. O projeto já foi aprovado, mas ao que parece faltam recursos para o início das construções” (Diário de Pernambuco, 1974a).

Em matérias de jornais a partir de 1974 é relatada a prioridade dada à construção dos demais centros educacionais da universidade, ficando o projeto paisagístico em segundo plano até de fato ser preterido, ainda que seja registrada a espera por sua implementação em notícias de 1976 (Diário de Pernambuco, 1974a; 1974b; 1974c; 1975; 1976a; 1976b). O mesmo ocorreu com o campus de Trindade da UFSC, que paralelamente executava o projeto do paisagista, onde o saldo enviado pelo Governo Federal não foi suficiente para a conclusão da obra, ficando restrita à Praça da Cidadania e aos canteiros da edificação adjacente e posteriormente abandonada por alterações no plano (Ecker, 2016).

Diante das lacunas existentes, a análise historiográfica das fontes escrita e iconográfica não nos possibilita afirmar até que ponto o projeto de Burle Marx para o campus Joaquim Amazonas da UFPE foi implementado, integral ou parcialmente, ou se ficou só no plano das ideias.

Considerações finais

A preocupação de Burle Marx com a conservação da natureza em seus discursos no Conselho de Cultura e nos jornais é demonstrada em seus projetos e repercute visivelmente na seleção das espécies vegetais que ele propõe no campus Joaquim Amazonas, demonstrando uma diversidade e critério muito maior ao que acabou sendo implantado por projetos pontuais, sem um plano geral. Esse princípio educativo de que ele buscava a partir da escolha das espécies se ressalta igualmente no desenho de projeto pelas associações e formas criadas, gerando contemplação e aproximando os usuários à reflexão.

Os jornais ajudam a reportar como o contexto histórico-político desse período em relação às concepções defendidas por Burle Marx resultou de um modo geral na descontinuidade dos planos paisagísticos para quase todos os campi no país, que, se

implementados, representariam, além de um rico acervo da tipologia concebido pelo paisagista, uma ferramenta educacional em cadeia para as universidades e para população geral que fizesse uso desses espaços públicos de grande escala, como um parque urbano. Esse discurso, porém, não repercutiu em camadas do governo para que os projetos prosseguissem, deixando de priorizar a questão ambiental, cenário de difícil atuação dos órgãos governamentais até hoje, como também demonstrando a indiferença com obras de caráter paisagístico em relação às arquitetônicas, trazendo como consequência a desconexão do espaço urbano e da paisagem e fragilizando a efetividade dos usos do lugar.

Esse estudo abre possibilidades para o aprofundamento da pesquisa histórica acerca dos projetos para campi desenvolvidos por Burle Marx no intuito de compreender seu contexto comum e destrinchar suas particularidades, além de permitir a análise entre os projetos realizados pelo paisagista e os que chegaram a ser implementados dentro de uma perspectiva arquitetônica.

Por fim, o trabalho buscou evidenciar a importância de se entender o projeto como fonte para compreensão da história do paisagismo universitário brasileiro - que engloba igualmente o latino-americano - tendo em vista que se trata de um tema ainda pouco explorado, mas que se reporta a um modelo de projeto que mesmo com suas alterações ao longo do tempo permanece presente até hoje na realidade brasileira. Estudos nessa direção possibilitarão interpretar com maior profundidade as práticas tomadas atualmente, apreender suas raízes a partir da história e fomentar a análise crítica.

Referências bibliográficas

Best, J. W. (1972) *Como investigar en educación*. 2. ed. Madri, Espanha: Editora Morata, S.A.

Boletim do Conselho Federal de Cultura (Vol. 1). (1971). Ministério Federal de Cultura.

Burle Marx, R. (1967). Paisagismo Brasileiro. *Revista Cultura*, 1, p. 94-97.

Burle Marx, R. (1968). Parques, jardins e praças públicas. *Revista Cultura*, 11, p.14-18.

- Burle Marx, R. (1970a). Importância da Paisagem na vida brasileira. *Revista Cultura*, 34, p. 100-103.
- Burle Marx, R. (1970b). Paisagismo e problemas urbanos. *Revista Cultura*, 32, p.41.
- Burle Marx, R. (2004a). Jardins residenciais. In J. Tabacow (Ed.), *Arte & paisagem : conferências escolhidas* (p. p. 97-103). Nobel.
- Burle Marx, R. (2004b). Paisagismo e devastação. In J. Tabacow (Ed.), *Arte e Paisagem: conferências escolhidas* (p. p. 199-205). Nobel.
- Cabral, R. C. (2006). *Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista em Recife*. Recife, Brasil: Editora Universitária UFPE.
- Caldeira, J. M. (2007). *A praça brasileira : trajetória de um espaço urbano - origem e modernidade* [Tese de Doutorado].
<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280677>
- Cardoso, D. (2009, July 28). *O jardim que ninguém vê*. Cotidiano. Portal UFSC.
http://antiga.cotidiano.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=234%3Ao-jardim-que-ninguem-ve&Itemid=58
- Correio Braziliense. (5 abr. 1970). Burle Marx paisagem e tapeçaria. *Correio Braziliense* (DF) - 1970 a 1979, (cód. TRB00745.0199, rót. 028274_02, ed. 03161(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.
- Costa, L. M. S. A. (2014). Os jardins de Burle Marx para o Instituto de Puericultura da UFRJ. *Instituto de Puericultura E Pediatria Martagão Gesteira: 60 Anos*, p. 32-34.
- Costa, R. F. da. (2016). *Campus Joaquim Amazonas: da relação entre a gestão institucional e a conservação de um patrimônio urbano* [Dissertação de Mestrado].
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17858>
- Czajkowski, J. P., Jorge Machado, M., Ricci, C. T., & Conduru, R. (1999). *Jorge Machado Moreira*. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro.
- Diário de Natal. (26 jun. 1976). Burle Marx vem para urbanizar o campus. *Diário de Natal* (RN) - 1970 a 1979, (cód. TRB00724.0199, rót. 028711_02, ed.10095A(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.
- Diário de Pernambuco. (5 maio 1972a). Burle Marx humanizará campus da Universidade. *Diário de Pernambuco* (PE) - 1970 a 1979 (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15,

ed. 00102(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (15 set. 1972b). Burle Marx construirá jardins do campus da UFP. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979 (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0219(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (17 jan. 1973). Burle Marx conclui projeto para o novo campus da UFPE. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 015(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (04 nov. 1974a). Estudantes querem que o reitor melhore condições do campus universitário. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót.029033_15, ed. 0297(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (28 jan. 1974b). Reitor explica como foi 1973 no âmbito da UFPE. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0027(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (31 jan. 1974c). UFPE recebe Cr\$ 27 milhões para ampliar o “campus”. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0030(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (4 out. 1975). Paulo Maciel defende participação estudantil nos programas políticos. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0267(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

Diario de Pernambuco. (21 mar. 1976a). A inutilidade de um viaduto que “cortou o pescoço da UFPE”. Diario de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0077(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.

- Diário de Pernambuco. (1 jan. 1976b). Reitor analisa perspectivas na UFP. Diário de Pernambuco (PE) - 1970 a 1979, (cód. TRB02558.0172, rót. 029033_15, ed. 0001(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.
- Ecker, V. D. (2016). A praça como locus da sociabilidade: estudo de caso da Praça da Cidadania, no campus da UFSC [Dissertação de Mestrado]. In *bdt.d.ibict.br*. https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UFSC_297db26093661e731d4da8f9af485449
- Ecker, V. D. (2019). A praça da cidadania, um referencial para o paisagismo moderno brasileiro. *Anais Do 9º Projetar*, 2. <http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/handle/123456789/1219>
- Jornal do Brasil. (27 nov. 1973). Campo Grande. Renovação comunitária de um velho bairro. Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979 (cód. TRB01547.0199, rót. 030015_D70, ed. 233(1)), Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), Brasília, Brasil.
- Pollizo, A. P. (2009). O jardim como ordenamento da natureza: a poética de Roberto Burle Marx. *Caderno de Resumos 8 Seminário Docomomo Brasil. Cidade Moderna E Contemporânea: Síntese E Paradoxo Das Artes*. 8 Seminário Docomomo Brasil. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes, Rio de Janeiro. <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/143.pdf>
- Santiago, N., & Braga, I. (2009). Burle Marx e o jardim do MAM-RJ: Arte e Ciência na Construção do Espaço Moderno. *Anais Da 3 Semana de Pesquisa Em Artes*, p. 82-89. <https://docplayer.com.br/6239987-lII-semana-de-pesquisa-em-artes-10-a-13-de-novembro-de-2009-art-uerj-arte-e-cultura-urbana.html>
- Silva, J. M. da, Sá Carneiro, A. R., Feitosa Júnior, W. de B., & Rolim, M. E. D. D. O. (2019). A Praça de Casa Forte: um jardim histórico, um patrimônio cultural do Brasil. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 27. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e05>
- Silva, J. M. da, Ferreira, R. N. C., Feitosa, W. de B. Jr, Costa, T. S., & Carvalho, E. (2020). Exercício de conservação do jardim histórico do conjunto moderno da SUDENE: uma experiência didática no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. *Paisagem E Ambiente*, 31(45), e165344. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2020.165344>

- Soeiro, R. (1969). Salva-guarda de obra de arte. *Boletim Do Conselho Federal de Cultura*, 27, p.28.
- Souza, L., Bonald, L., Nicodemos Chagas, J., Liberato, D., Ferreira, C., & Mutzenberg, D. (2019). Análise espacial no sítio Engenho do Meio: uma abordagem com base na cartografia histórica do bairro da Várzea, Recife-PE. *Revista Noctua*, 2(4), 123–139. <https://doi.org/10.26892/noctua.v2i4p123-139>
- Tabacow, J. (2004). Prefácio à primeira edição. In J. Tabacow (Ed.), *Arte & paisagem : conferências escolhidas* (p. p. 9-10). Nobel.
- Valladares, C. do P. (1970). Personalidade de Roberto Burle Marx. *Revista Cultura*, 31, p.26.
- Valladares, C. do P. (1982). Lucio Costa. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, 46, p. 116-120.
- Waisman, M. (2013) *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. Tradução de: Anita Di Marco. São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva.